

A VERGONHA DE SI MESMO NO PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO: da alienação à mortificação do sujeito.

Edna Linhares Garcia¹

RESUMO

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre danos psíquicos que podem ser associados a experiências de intensa violência imputadas aos sujeitos. Consideramos que, em situações nas quais os sujeitos não encontram vias de respostas aceitáveis socialmente para muitas injunções vividas no cotidiano, são tomados por um sentimento avassalador de vergonha de si mesmo. Questionamos sobre as saídas ou vias de fuga que acionamos para a vergonha de si, uma vez que conhecemos muitas formas de reparação para o sentimento de culpa. Constatamos que em consequência deste sentimento de vergonha de si mesmo, se produz todo um movimento de isolamento que finda por dar sustentação à situação de exclusão social, seja esta exclusão decorrente de estigmas da pobreza ou, como no caso deste estudo, do analfabetismo. Ressaltamos que tal sentimento de vergonha de si pode constituir um dos fatores obstaculizadores para o investimento na capacidade de pensar, de investir em si, no outro e no mundo, favorecendo as condições para que uma posição de alienação se imponha. Esta situação de alienação coloca o sujeito pensante num estado de risco, podendo levar ao desfecho da mortificação da capacidade de pensar. As reflexões realizadas e que são aqui apresentadas tem o propósito de subsidiar nossas intervenções, afinando nossa escuta frente a sujeitos que pelo sentimento de vergonha de si se cristalizam em formas de ser e viver no limite da solidão, da tristeza e muitas vezes, da melancolia.

Palavras-Chave: vergonha, violência, psicologia clínica, saúde mental

FEELING ASHAMED OF ONESELF IN THE SUBJECTIVATION PROCESS: from individual alienation to mortification

ABSTRACT

This paper presents a reflection on psychical damages that might be associated with intensely violent experiences inflicted on subjects. We consider that, in situations at which the subjects do not find socially acceptable replies for different injunctions experienced in the daily routine, they are seized by a devastating feeling of self-ashamedness. We question the outlets or exit routes which we put in motion for self-ashamedness, as we know many ways of repairing the feelings of guilt. We have ascertained that, as a result of the feeling of being ashamed, an entire movement of isolation is produced, which ends up providing support to the social exclusion situation experienced., whether this exclusion stems from the actual stigma of poverty or, in the case of this study, from illiteracy. We stress that such bashfulness might turn into one of the obstructing factors for investing in the capacity of thinking, for self-investment, investment in others and in the world, leading to the conditions that favor an imposing alienation position. Such a situation of alienation puts the thinking subject in a state of risk, which can ultimately lead to an impairment to the capacity of thinking. The present reflections, herein featured, have the purpose to support our interventions, fine-tuning our hearing capacity before subjects who, because they feel ashamed of themselves, crystallize in forms of being and living at the limit of solitude, unhappiness and, frequently, melancholy.

Key words: shame, violence, clinical psychology, mental health.

¹ Psicóloga, Doutora em Psicologia Clínica, Professora da UNISC. E-mail: edna@unisc.br

1 INTRODUÇÃO

O filme “o leitor”² conectou-me com reflexões há muito realizadas por ocasião de uma investigação sobre o processo de alfabetização de algumas mulheres participantes de um projeto de Educação Popular. Instigada pela história de vida da protagonista, retomo aquelas reflexões, pois novos sentidos são produzidos com efeitos transformadores. O filme trata de um encontro entre um adolescente, Michel (David Kross) e Hanna Schmitz (Kate Winslet), mulher mais velha, presa, julgada e condenada por ter servido ao nazismo por muitos anos de sua vida. Apesar de vivenciarem um encontro em momentos de vida muito diferentes, de virem de classe social separada por uma distância abismal, os efeitos emocionantes do que viveram produziram transformações profundas na vida de cada um. Tais transformações são bem evidenciadas quando o enredo dá conta do reencontro destes sujeitos na vida adulta. A mim, se sucedem efeitos transformadores com a força da erupção de minhas idas reflexões ao encontrar Hanna no momento de seu julgamento: culpada ou inocente, ela é considerada culpada e condenada à prisão perpétua; motivo: por ter cumprido bem as tarefas de cárcere, entre estas, a de encaminhar mulheres judias para a morte. Hanna nunca havia se manifestado sobre o que ou por que devia realizar aquelas atrocidades. Era sim uma boa executora de um projeto sobre o qual não guardava dela nenhuma proposta, nenhuma idéia ou pensamento.

Mas havia algo que,

se colocado na roda dos autos do processo de Hanna, poderia amenizar a sentença. Contudo, este algo lhe é tão ameaçador que a leva a abrir mão e a aceitar o que para ela é menos mortífero: a prisão perpétua. Se Hanna assumisse ali, diante de todos, a sua impossibilidade de ler e escrever, não teria sido lhe imputada toda a responsabilidade acerca das muitas atrocidades realizadas na prisão, no exercício de seu trabalho. Mas, para ela, isto tinha o mesmo sentido de morrer, era-lhe insuportável a vergonha de ser analfabeta, era do encontro com a condição de analfabeta que tinha fugido desde há muito tempo, tinha se excluído socialmente e “em si mesmado” buscando evitar este reconhecimento.

Naquela ocasião me perguntava: há algo mais devastador que o sentimento de vergonha de si mesmo? Quais saídas, quais pontos de fugas conhecemos ou criamos para a vergonha de si? Conhecemos, com muita clareza, formas de reparação que aliviam, quando não tratam por completo, o sentimento de culpa. Mas a vergonha de si mesmo?

Na perspectiva desses questionamentos é que busco, neste trabalho, uma reflexão que possa subsidiar nossas intervenções afinando nossa escuta frente a sujeitos que pelo sentimento de vergonha de si, se cristalizam em formas de ser e viver no limite da solidão, da tristeza e, muitas vezes, da melancolia.

2 REFLEXÕES SOBRE VIOLÊNCIA SIMBÓLICA: a vergonha de sim mesmo, a violência e a exclusão social

Radmila Zygoris¹ lembra que vivemos numa sociedade pouco equipada para oferecer saídas para o sentimento de vergonha. Tal sentimento é sempre efeito de uma situação de violência sobre o psiquismo, violência produzida socialmente sem que se opere uma intervenção ou um tratamento para uma resposta eficiente daquele que foi violentado. As sociedades ditas mais arcaicas dispõem para situações de ofensas vividas, rituais que constituem verdadeiras saídas honrosas, em contrapartida, na nossa sociedade “engole-se a vergonha, que não tem como ser reparada”¹. Com efeito, não podemos desconsiderar as conseqüências trazidas para a vida psíquica por experiências de violências sem reparações: “Há um custo psíquico importante

² O filme “O leitor” (The reader) dirigido por Stephen Daldry é baseado no *bestseller* homônimo e autobiográfico de Bernhard Schlink, que remonta aos idos de 1958 e é circunstanciado durante e pós II guerra, retratando conflitos e tentativas de reparação de uma sociedade envolvida no holocausto.

quando uma violência sofrida não recebe tratamento imediato, quando o ato de resposta é coibido. E isto sempre acontece nos casos em que perdura a vergonha”¹.

Evidentemente o filme produz muitos outros pontos para reflexões, mas quero ficar com Hanna e a vergonha de si mesma, pois com ela me reencontro com outras Anas, especialmente três mulheres cujas histórias de vida trazem um arrasador sentimento de vergonha de si mesmas e, tal como Hanna que encontrou como saída a via da morte através do suicídio, também reconheço nestas mulheres a presença de um risco de morte, embora não experimentada no próprio corpo, mas vivenciada por meio da posição de alienação que aos poucos iam assumindo e que se sustentava pela mortificação da função de pensar.

Ana, Analidia, Anabela³, três mulheres de 40 e poucos anos, três histórias de vida e três problemáticas que se aproximam num aspecto: a posição que assumem frente aos suportes de seus ideais que resulta numa certa tendência à estagnação do investimento do eu futuro, ou seja, não há uma imagem de si projetada num futuro:

"...tudo que penso fazer já penso que não vai dar certo.."(A)

"...o que mais quero é querer ...ter vontade...mas não consigo"(Al)

"...eu sempre fui assim, sem vontade, eu achava que se tivesse tido vontade teria aprendido apesar das dificuldades...o que me falta é vontade..."(Ab)

Diante do não aprendizado ao longo de muitos anos de tentativas de Ana, Analidia, Anabela e outros estudantes, as monitoras de Ensino do projeto de Educação Popular de Adultos buscaram ajuda da Psicologia. As desistências, o baixo rendimento escolar e o não aprendizado constituíam enigmas que transformei em questões e, como alternativa, coloquei à disposição daqueles estudantes, uma oferta de serviço de psicologia.

Tal alternativa se sustenta na compreensão de uma relação intrínseca, irremediável entre leitura e subjetividade. Freud² nos remete à compreensão da leitura como algo impregnada e norteadada pelo desejo quando ressalta que o ouvinte ou o leitor sempre seleciona o que gostaria de reter acerca de tudo que ouviu ou leu. Leda Barone³, resume e esclarece de vez esta relação, quando intitula, num trocadilho, seu livro: De ler o desejo ao desejo de ler”.

Alguns daqueles adultos, alfabetizando, procuram o serviço de atendimento psicoterápico e, à luz da psicanálise, pude escutar o sofrimento de não conseguirem aprender a ler e a escrever. Desânimo, auto-depreciação, sentimento de fracasso, tristeza, não reconhecimento de si e a convicção do não reconhecimento social levava estas mulheres a um movimento de se excluírem e experimentar uma vida tecida pela solidão. Diziam e se mostravam mais confortáveis numa situação de isolamento que “ ter que passar vergonha por ser analfabeta de pai e mãe”(Al). Não foi menor a dificuldade que enfrentaram até conseguir buscar a ajuda ofertada e formular uma demanda de cuidado.

Tratava de uma demanda de ajuda por parte de uma população pobre e excluída socialmente, seja pela pobreza, seja pelo estigma do analfabetismo. Verdadeiros expurgos, rejeitos como assinala Zygmunt Bauman⁴, que não se encaixam na nova ordem do mundo: produzir e consumir! Estas pessoas não produzem e não consomem, portanto, representam problemas financeiros para o Estado, uma vez que “precisam ser “providas”- ou seja, alimentadas, calçadas e abrigadas”⁴. Mulheres que desde sempre se encontraram com um contrato narcisista⁴ rompido a partir da sociedade.

Ouvindo as histórias de vida daquelas mulheres, fiz as seguintes indagações: tratar-se-ia de uma situação na qual a função de pensar estaria comprometida, tornando vãs as tentativas de

³ Nomes fictícios. Ana (A), Analidia (Al), Anabela (Ab)

⁴ Piera Aulagnier (1979), na sua concepção de "contrato narcisista", ressalta a imbricação do contexto sócio-cultural na construção dos ideais, como condição de possibilidade para a constituição de um eu, com sentimento de pertencimento ao grupo e com a "certeza" do seu reconhecimento por este. A dimensão social presente no "contrato narcisista" torna necessário problematizar a constituição e investimento do eu nos seus ideais, uma vez que se trata de sujeitos pertencentes a uma população estigmatizada e excluída socialmente, alvo por excelência, de injunções nas mais diferentes áreas.

aprendizagem? Esta situação configuraria uma “patologia do investimento”? O não investimento do desejo ou da vontade de pensar se devia ao fato desta atividade estar destituída de uma precedência do prazer de pensar e, portanto, no presente caso, estaria se expressando através da condenação ao fracasso da aprendizagem do ler e do escrever? Que fatores têm poder facilitador no estabelecimento de um eu deficitário quanto a sua capacidade de investir no eu futuro? Em suma, tratava-se de investigar sobre em que medida estes sentimentos de fracasso, de impotência, de desânimo frente aos ideais remetiam, em última instância, a possíveis conflitos no contexto da constituição subjetiva, uma vez que este processo se realiza imbricado no desejo e no discurso das figuras parentais, bem como, no investimento e reconhecimento do meio em que o sujeito já nasce inserido.

Dessas indagações decorrem algumas reflexões sobre a constituição dos ideais daquelas mulheres, que elucidam as condições, cuja presença ou ausência, entravavam este processo e o funcionamento do eu, nas suas funções primordiais de investir em si, no outro, no mundo, nos ideais e na própria função de pensar.

Nesta perspectiva, a problemática da não realização dos ideais pode ser tomada a partir de, pelo menos, dois aspectos: um que considera a impossibilidade de realização como algo que se impõe ao sujeito, pelo rompimento da sociedade com seus direitos de cidadão; e um outro aspecto que remete a como o sujeito se sente diretamente implicado nesta impossibilidade, isto é, um não investimento do eu nos suportes de seus ideais.

Assim, através das narrativas pude empreender um desvendamento da posição subjetiva, da demanda de ideais e da atividade de investir nos emblemas identificatórios valorizados pelo sujeito e pelo meio. E ainda, dada a representação dos suportes referenciais das demandas constitutivas, pude compreender, mesmo que parcialmente, as dificuldades apresentadas por aquelas mulheres em investir numa imagem de si projetada no futuro.

A problemática trazida de que não conseguem aprender a ler e a escrever apesar da tentativa já se estender por até 4 anos, e da relação que estabeleceram com o mundo alfabetizado, fundamentava as indagações acima. Filhas de pais analfabetos, estas mulheres responsabilizam o pai pelo analfabetismo que portam. De forma implícita ou explícita representam o pai como interditor desta aprendizagem na infância, uma figura tirânica, arbitrária ou passiva e, até mesmo, ausente.

Nesta conjugação “sujeito – alfabetização - atividade de pensar – representação do pai” pareceu-me longínqua a possibilidade do Eu forjar para si a representação prazerosa da função de pensar. Na verdade, a atividade de pensar constituía para aquelas mulheres, uma experiência que guardava excesso de sofrimento, de desprazer. Desse modo, as Anas perambulavam pela vida solicitando aos outros que pensassem por elas. Desinvestida a função de pensar, se faz dada a condição necessária para uma posição alienante, posição limítrofe para a morte do pensamento e, portanto, do sujeito.

Conclui que a alfabetização, bem valorizado pelo sujeito e pelo meio social do qual faz parte, e referencial estigmatizante de exclusão social dos que não a possuem, sofrera neste caso, um processo de idealização, no sentido em que Freud² atribui a este processo: algo é superestimado, supervalorizado, mantendo a ilusão de que existe um objeto totalmente adequado para a satisfação e, por isso mesmo, inalcançável, irrealizável!

Deste modo, a alfabetização era tomada como condição de reconhecimento de si e do mundo *"Sinto muito ódio de mim , se eu tivesse estudado seria outra pessoa, conheceria gente diferente, não trabalharia como doméstica, pois é esse o serviço que sobra para quem não tem estudo. Eu queria ser eu mesma, porque eu acho que não sou eu porque não sei de nada"(A1), e, ao mesmo tempo parecia ser uma batalha tomada, desde sempre, como perdida: "Eu sempre fui assim, sem vontade...nunca tive muita vontade, para mim estava tudo bem.Eu achava que se eu tivesse tido mais vontade eu teria estudado apesar de todas as dificuldades, o que me falta é vontade.Eu achava que a vida ía ser sempre aquela de minha infância. E para mim estava bom..."(Ab).*

Tornava-se evidente que a alfabetização estava ocupando este lugar de um bem idealizado, uma vez que parecia representar a possibilidade do encontro consigo mesmo e com todo o saber; de ser a porta de entrada para o reconhecimento social e para o sucesso econômico. Esta hipótese ganha apoio no imaginário social, uma vez que atribui às precárias condições em que sobrevive a maior parte da população brasileira, ao despreparo, à ignorância. Contudo, esta idéia constitui um paradoxo frente à realidade estatística do desemprego dos "preparados", injunção que traz consequências inefáveis para o sujeito.

Dessa forma, compreendia como a tendência a ocupar uma posição de alienação ganhava força e terreno no modo de ser e estar no mundo daquelas mulheres. Havia nas suas narrativas uma destituição do lugar de sujeitos de suas próprias histórias, encontravam-se entregues aos outros para que declarassem quem eram e do que precisavam para sobreviver. Esta posição favorece a expropriação do direito a atividade do pensar autônomo, em que a vontade e a palavra de um outro se impõe e se coloca como “juiz dos direitos, necessidades pedidos e desejos do sujeito”⁵. Isto constitui o estado passional ou estado de alienação. Embora menos evidente ou de forma mais velada, tal expropriação produz efeitos deletérios para o funcionamento do Eu. Esta situação muitas vezes não é percebida enquanto o sujeito puder contar com um Outro real que lhe sirva de prótese para a função de pensar.

O Estado de alienação define um destino do Eu e da atividade de pensar que visa uma situação extremada daquele desejo que está presente em todo sujeito, qual seja, a de alcançar um estado no qual estejam abolidos todo e qualquer conflito, onde se reencontre a certeza, onde se tenha a exclusão de toda e qualquer dúvida e de toda causa de sofrimento. Em outros termos: sobreviver sem viver! “O estado de alienação representa o extremo limite que pode alcançar o Eu na realização deste desejo, sendo o caráter de limite determinado pelo fato de que mais um passo nesta direção implicaria a morte efetiva do pensamento e, portanto, do próprio Eu”⁶.

Diferentemente do que acontece na psicose, o estado de alienação implica um desconhecimento do alienado acerca do que aconteceu a sua atividade de pensar: “O psicótico pode ignorar o termo psicose, mas é capaz de pensar o estado de dependência, de exclusão, de conflito, de mutilação, imposto a sua atividade de pensar. A alienação pressupõe uma vivência não nomeável, não perceptível por aquele que a vive” (Idem, p. 35).

O estado de alienação do Eu supõe uma idealização maciça que ele realiza daquele que exerce esta força alienante e que dá suporte a um desejo de alienar, o qual é em seguida retomado pelo próprio sujeito alienado para realizar esta mesma função alienante em relação a outros sujeitos. Portanto, o que está em jogo na relação de alienação é a morte do pensamento presente em cada um dos atores: “...o encontro alienante-alienado não deve nos revelar que o primeiro projeta no outro e assim realiza um desejo de alienação que diria respeito a seu próprio pensamento. A alienação do outro é a realização de um desejo de morte do pensamento presente nos dois sujeitos” (Idem, p. 36).

O estado de alienação constitui, segundo Aulagnier⁶, uma terceira via de saída para o conflito identificatório, que se situa entre a resposta neurótica e a resposta psicótica. Esta via se impõe ao sujeito porque “os acontecimentos singulares de sua história pessoal erodiram sua tolerância ao conflito, e porque a realidade ambiente que ele encontra o confronta efetivamente a injunções absurdas e paradoxais, a demandas cuja desmedida torna impossível qualquer resposta que seja marcada pelo compromisso que efetua a atividade de pensar e que eu chamo de alienação” (Idem, p.18).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, tomadas pelo sentimento de vergonha de si as Anas percorrem trilhos que as levam a uma mesma estrada, uma estrada onde a experiência de um ódio dirigido a si mesmas pode resultar na própria mortificação. Diferentemente do sentimento de culpa para o qual é possível uma reparação dirigida ao outro, pelos prejuízos causados, o sentimento de vergonha faz voltar para si a navalha e interrompe a vida do sujeito pensante.

Esta diferença é evidente quando tomamos o enredo do livro “Reparação” de Ian McEwan⁷, pois nos proporciona um emocionante mergulho nos mistérios humanos e na compreensão do que seja culpa e remorso. Ian McEwan⁷ conta a história de uma menina, Briony, pré-adolescente que por crueldade, ciúmes e onipotência, acusa um inocente pelo crime de um estupro que ela havia visto em sombras. Pelo resto e ao longo de sua vida, Briony sofre as consequências da tomada de consciência de seu ato. Tornando-se escritora, escreve uma história autobiográfica numa clara tentativa de reparar seus danos e redimir-se da culpa. Numa homenagem póstuma aos que prejudicou produz um final feliz para a história de uma realidade verdadeiramente infeliz, onde aqueles que ela separou por crueldade se reencontram: *“Agrada-me pensar que não é por fraqueza nem por evasão, e sim como um gesto final de bondade, uma tomada de posição contra o esquecimento e o desespero, que deixo os jovens apaixonados viver e ficar juntos no final”*⁷.

REFERÊNCIAS

1. Zygouris, Radimila. Ah! As Belas Lições!. São Paulo: Escuta, 1995.
2. Freud, Sigmund. Conferências Introdutórias sobre Psicanálise, In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud SE,V.XVI, Rio de Janeiro: Imago, 1976-1917.
3. Barone, Leda, MC.De ler o desejo ao desejo de ler: uma leitura do olhar do psicopedagogo. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.
4. Bauman, Zygmunt. Vidas desperdiçadas.Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
5. Freud, Sigmund. Sobre o Narcisismo:uma introdução. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud SE,V.XIV, Rio de Janeiro: Imago,1974.
6. Aulagnier, Piera. A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- _____. Os destinos do prazer. Rio de Janeiro: Imago,1985.
7. McEwan, Ian. Reparação.São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Recebido em Maio de 2008

Aceito em Junho de 2008
